

A "arte pobre" de Ana Vitória e o bloqueio plástico da informação

OUTRA boa surpresa nos faz Ana Vitória, nesta sua individual da agência Copacabana, do Banco Andrade Arnaut. Num salão recente, uma pequena coletânea da artista destacava-se como uma promessa nova. Agora, parece que a promessa começa a ser cumprida. E na **ferie** tecnológica, alguém diz algo com recursos pobres, algo válido.

Ana Vitória trabalha sobretudo com jornais — ou **sobre** jornais. Sua produção recente na maioria dos casos define-se quer como uma interpretação muito sensível e pessoal de imagens impressas, quer como curiosos bloqueios plásticos de informação jornalística. São as fotos de futebol e outros esportes que mais interessam à artista. O que ela vê nas fotos é antes de tudo o corpo do atleta, com seu enorme potencial plástico concretizado pelos movimentos súbitos que executa quando em atividade.

Ana Vitória, obcecada também pela função de bloquear, elimina a informação fotográfica que não lhe interessa, e que interfere com o vigor da imagem de sua eleição. Usa para tanto simplesmente o nanquim. Pelo mesmo ato de bloqueio de informação indesejada confere toda uma nova ambiência plástica aos seus quase-ícones esportivos. Subitamente

uma bicicleta futebolística parece ter sido retratada por um discípulo de George de La Tour.

A modernidade da visão resulta de um senso avançado de abstração, que permite à artista tomar grandes liberdades com suas imagens, e de uma óbvia obsessão, também, com astronáutica. De fato, os futebolistas de Ana Vitória muitas vezes parecem astronautas que encontraram atmosfera respirável na Lua e trocaram seus escafandros espaciais pela camisa do Flamengo ou do Botafogo. É mais uma vez o negro intenso do nanquim, em contraste com o negro empobrecido da foto impressa, que ajuda a criar a atmosfera lunar.

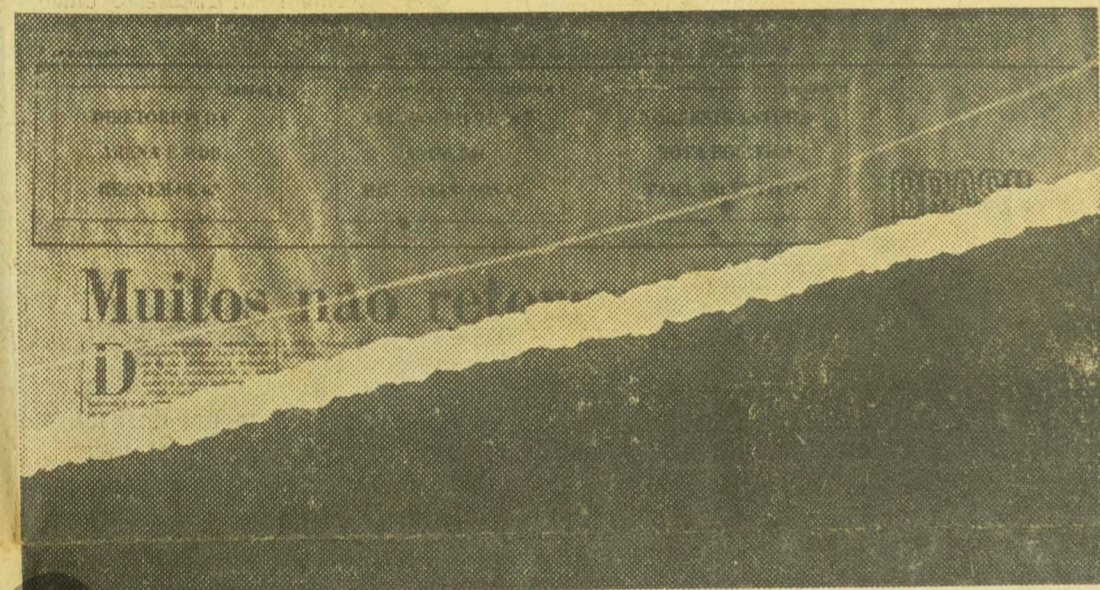
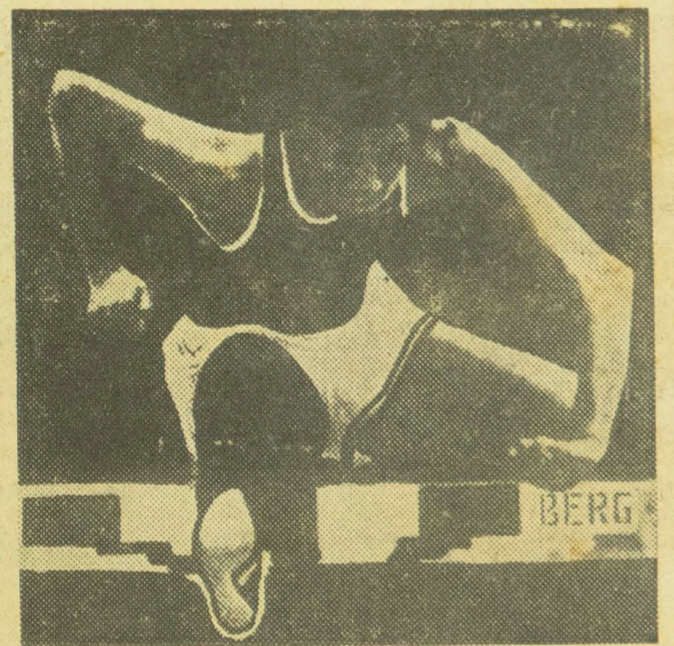
As vezes, a artista abandona o nanquim negro e opta pela cor. Os resultados, embora razoavelmente eficientes, são então menos originais. Ainda no preto e branco, Ana Vitória, apresenta-nos uma atrativa quase-metamorfose da natação. O nanquim transforma um vasto espaço abaixo da figura de um nadador numa forma algo erótica, evocadora, ao mesmo tempo, de borboleta, de nádegas e de ondas.

Nas composições de bloqueio de textos, uma manchete de jornal é quase sempre conservada, criando literariamente, uma mensagem e uma ambiência sublinhadas pelo tratamento plástico quase **minimal** da

superfície de base. Em uma obra isolada, a artista experimenta com um gênero de colagem fotográfica apresentado por John Hilliard na notável **Road Show** conceitual britânica, que visitou, há pouco, o MAM carioca. Seu assunto é então o cemitério.

Ana Vitória já nos convenceu plenamente de sua sensibilidade. A demonstração que se espera agora é a de vigor. Em conjunto, sua mostra parece pequena. Talvez a artista tenha receado que um número maior de obras enfraquecesse seus achados. Esta possibilidade deve de fato ser considerada; mas não é razão para que o teste decisivo não seja feito; ao contrário. Uma variante que também parece aberta à artista é a de emprego de seu método de tratamento da imagem fotográfica a cartazes de grandes dimensões, ou mesmo a ampliações sobre papel fotográfico. Trilhando essa variante, a artista não terá abandonado a "arte pobre", que tão bem defende nesta sua fase atual. O perigo a que parece exposta é o da transformação paulatina de sua simplicidade de re-interpretação da imagem impressa em algum preciosismo — incompatível, inclusive, com os temas que elegeu. Será melhor à artista desconfiar, agora, de seus próprios achados; submetê-los a experimentos difíceis.

JAYME MAURÍCIO



Trabalhando em cima de páginas de jornal, Ana Vitória quebra a lógica do meio de comunicação e e cria a informação através do bloqueio, como um leitor extremamente crítico e sensível que só "enxergasse" o esteticamente fundamental.

Homem e criação: um resumo em 3 museus

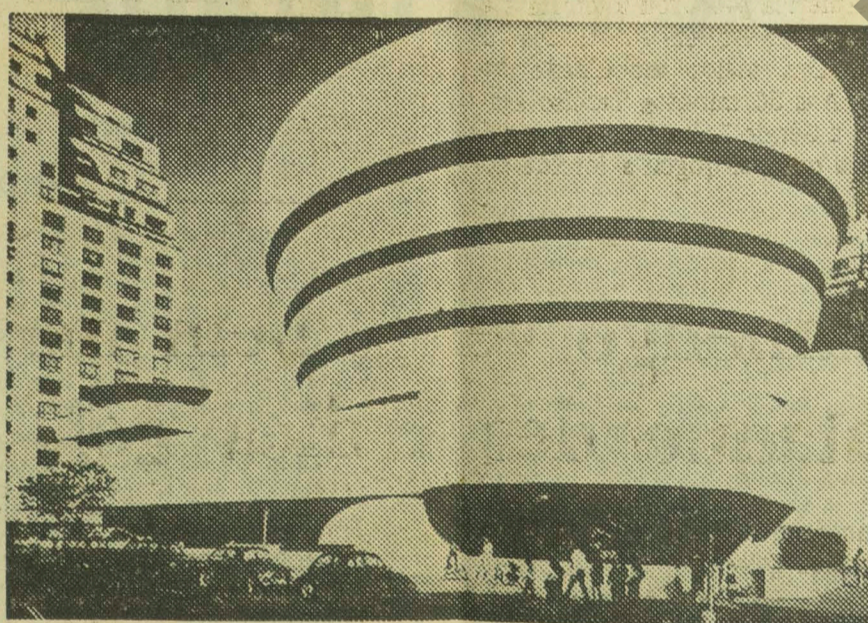
I — Museu Metropolitano de Nova York

No Central Park, Quinta Avenida com Rua 82, está situado um dos maiores museus do mundo: o Museu Metropolitano de Arte (Nova York). Seu acervo teve início em 1866, mas a data oficial de inauguração foi 13 de abril de 1870, embora sua instalação na sede definitiva tenha sido a 30 de março de 1880. Em comemoração ao seu centenário, no ano passado, o Museu Metropolitano promoveu importante mostra: obras-primas de 50 séculos. Foi um conjunto representativo do seu acervo, que reúne mais de 360 mil peças bem como obras cedidas por 13 conceituados museus, colecionadores particulares e inúmeras fundações.

Abrangendo desde peças procedentes da Ásia Menor e do Egito, com mais de cinco mil anos, inclui também artistas contemporâneos. Lá estão desde ânforas, cálices, talhas, esculturas, desenhos, gravuras e pinturas. Uma atração à parte são os estudos da Natividade de Leonardo

da Vinci (1452-1519). Enfim, são necessários no mínimo uns 10 dias para se fazer uma visita de fato ao Metropolitano. Afinal, lá se acham à disposição dos visitantes móveis de diferentes estilos e épocas, sarcófagos e reproduções de barcos e pirâmides. Seu restaurante é o lugar ideal para um descanso, isto quando a visita é programada para antes e depois do almoço. De uma só vez não se permite nem uma visão do que ele é de fato e representa.

Para quem visita Nova York, ir ao Metropolitano é programa obrigatório. O mesmo acontece com o Guggenheim, que fica a poucos quarteirões, também na Quinta Avenida, e com o Museu de Arte Moderna de Nova York (Rua 53). São os três mais importantes daqui e estão entre os principais do mundo. Atualmente, está exibindo "Caligrafia Chinesa" que é, sem dúvida, uma exposição decorrente da recente visita de Nixon à China como atração maior do mês de março.



Aspecto externo do Museu Guggenheim

II — Guggenheim: um museu do ano 2000

Já se foi o tempo em que um museu para ser importante devia ocupar muitos metros quadrados, guardar obras que só podiam ser vistas e conhecidas após longo período de visitação. Hoje em dia, a tendência para se fazer um museu ideal exige, antes de tudo, local de fácil acesso e, um máximo de informação no menor espaço. Os museus Sterdelick (Amsterdã), Arte Moderna (Nova York) e o Solomon R. Guggenheim (Nova York) se incluem entre os museus ideais em termos de museus modernos.

Mas o Guggenheim, projetado por Frank Lloyd, por incluir todos estes requisitos, está entre os mais avançados e pode ser considerado como o Museu do Ano 2000. Sua estrutura em espiral permite uma visão geral sob os mais variados ângulos e oferece um registro importante da arte do nosso século, sem se descuidar das possibilidades artísticas. Permanentemente, mantém obras de Paul Cezanne, Picasso,

Braque, Juan Gris, Fernand Leger, Kandinsky, Mondrian, Modigliani, Marc Chagall e Matisse, na parte mista quadrado-redonda, e, na de espiral propriamente dita, exibe mostras temporárias e de caráter internacional.

Atualmente, está apresentando pinturas de Robert Ryman e desenhos de Rodin (falsos e autênticos). Inauguradas a 3 de março, estas duas importantes exposições poderão ser visitadas até o dia 14 de maio deste ano. Daí a sugestão: quem vier a Nova York até meados de maio não poderá deixar de visitar o Museu Guggenheim, que fica no número 1071 da Quinta Avenida, isto é, entre as Ruas 88 e 89. Pelo aspecto didático, por seu projeto arquitetônico avançado e quase visionário do arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright e por suas importantes mostras abrangendo arte atual, é de fato um dos mais importantes museus de arte contemporânea do mundo.

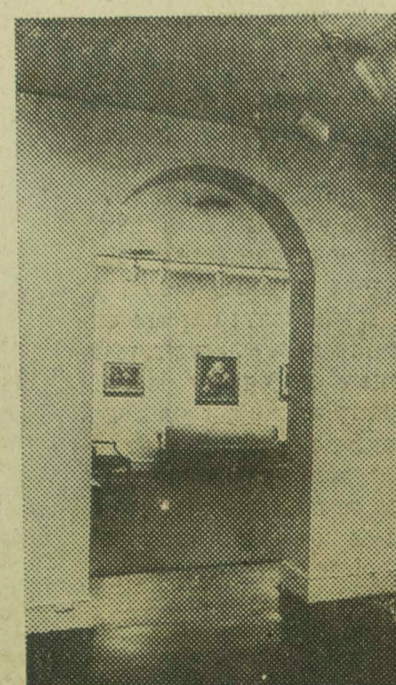
III — A Coleção dos Phillips

A primeira vista, vê-se apenas um casarão avermelhado. Estamos próximos ao número 1.600 da Rua 21, em Washington. Lá dentro está a "Phillips Collection", outrora particular do casal Marjorie e Duncan Phillips e atualmente colocada à disposição de todo o público. Mas o excelente acervo da "Phillips Collection" não ocupa somente o casarão no estilo antigo, onde fora a residência dos Phillips. Há um outro prédio em linhas modernas, ligado através de pontes cobertas, que facilitam uma visão conjunta das obras dispostas num mesmo andar e em diferentes edifícios.

A disposição das obras demonstra que há uma grande diversificação, mas, pela sua montagem, sente-se certa unidade. El Greco, Chardin, Goya, Delacroix, Daumier, Manet, Degas, Renoir e Cezanne, bem como Van Gogh, Gauguin e Matisse lá estão ao lado de Roualt, Klee e Arthur Dove, bem como uma escultura "pop" de Alexander Calder e um óleo sobre tela datado de 1934,

de Pablo Picasso; "Tourada". A ausência de latino-americanos seria total, caso não pertencesse à "Phillips Collection" uma pintura da artista brasileira Maria Helena Andrés.

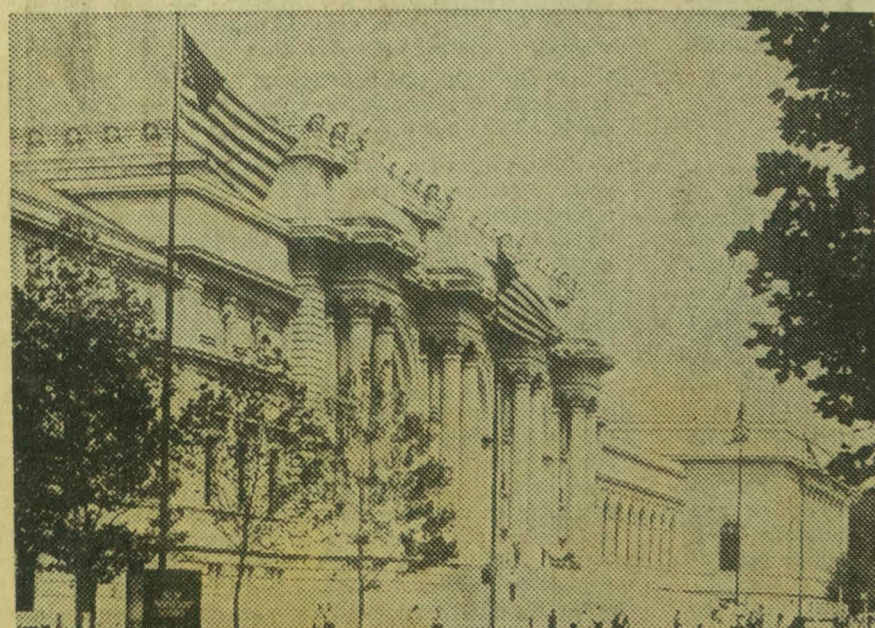
De segunda a sábado, pode ser visitada — não se paga nada para visitá-la — das 10 às 17 horas, e nos domingos das 14 às 19 horas. As segundas permanece fechada. O melhor esquema de visitas é: entrar pela parte nova, isto é, pelo edifício anexo e terminar no núcleo inicial, que corresponde ao casarão onde o casal residiu por vários anos. Mas a P.C. não se preocupa apenas com a exibição de obras de arte neofrentes épocas e tendências. Concertos são realizados no salão térreo e um plano de cauda e várias cadeiras lá estão como uma pequena amostra de como era o interior da residência, antes desta excelente coleção ser colocada à disposição do público. E, para encerrar, não se esqueçam de que a P.C. fica em Washington.



"Phillips Collection": prédio — núcleo inicial —, antigo e o novo e aspecto interno



Calder, Mobile de Alexander



"Metropolitan Museum of Art", um dos maiores museus dos Estados Unidos e dos mais antigos